

Intervenção na 11ª sessão Plenária da Assembleia Parlamentar do
Mediterrâneo

2ª Comissão Permanente – Cooperação Económica, Social e Ambiental

“A Cooperação económica no Mediterrâneo”

No stretch of salt water exerted such a pervasive influence on the rise of today's world as the Mediterranean. Without that sea, its peculiar qualities and unusual position, the world's political, economic, cultural and social life would have veered in another direction- Geoffrey Branley

- O Mediterrâneo foi o berço do nosso Mundo, palco original do encontro e das rivalidades entre a Europa – então representante exclusiva da civilização ocidental - e as outras grandes civilizações, espaço de convergência das três religiões do Livro.

- Naturalmente, dos sucessivos encontros que o Mediterrâneo testemunhou resultou uma enriquecedora partilha de conhecimentos e culturas, um intercâmbio permanente de pessoas, mundividências, modos de estar que nos aproxima mesmo quando nos desencontramos.

- E porque, como alguém disse, geografia é destino, desde cedo, antes ainda da adesão dos países da Europa do Sul à então Comunidade Económica Europeia, já esta tinham assinado em 1969, acordos preferenciais com os países do Magrebe (Marrocos, Argélia e Tunísia), reconhecendo a importância maior do diálogo euro-mediterrânico para a paz e segurança nas duas margens do Mediterrâneo.

- O Processo de Barcelona, mais tarde materializado na União para o Mediterrâneo, a Política Europeia de Vizinhança, que reforça e complementa a Parceria Euro - Mediterrânica, através da implementação de Acordos de Associação e Planos de Ação bilaterais, permitindo, em

particular, a possibilidade de uma participação gradual no mercado interno europeu são expressão do interesse da Europa na criação de uma área euro mediterrânica de paz, segurança e prosperidade partilhada.

- Mas **outras iniciativas** foram surgindo para fortalecer o espaço de cooperação regional do Mediterrâneo: entre estas, seguramente a Assembleia Parlamentar do Mediterrâneo merece alusão autónoma, pela sua composição e perfil, que traz para o diálogo na região a riqueza da dimensão parlamentar.

- Como demonstrado pelo projeto europeu, que é disso exemplo, a cooperação económica é incontornável na criação de laços e relações que contribuem para a estabilidade e para a prosperidade.

- Precisamos, pois, de maior proximidade económica entre as duas margens do Mediterrâneo, se queremos corrigir as assimetrias que hoje conhecemos. Mas precisamos, igualmente de maior integração económica entre os Países da margem sul, que hoje conhece uma percentagem dececionante, cerca de 5%, do seu comércio total, um dos valores mais baixos de integração regional no mundo.

- Por outro lado, os fluxos de **investimento direto nos países do Sul caíram para quase metade** entre 2008 e 2015, fruto das sucessivas crises e conflitos que afetaram a região. E da auto absorção da Europa na sua própria crise, com os efeitos extremamente negativos que todos conhecemos.

- Tal redução é preocupante, pois este investimento é essencial para dar uma resposta às expetativas de uma população ainda em crescimento, jovem e mais qualificada do que no passado.

- Mas no que toca ao Mediterrâneo, as prioridades da política externa não se esgotam na participação ativa nas organizações/instâncias regionais (como sejam a União para o Mediterrâneo ou o Diálogo 5+5) ou na defesa intransigente de uma Política Europeia de Vizinhança que considere, em toda a sua extensão, a importância para a Europa do seu flanco sul; tão-pouco em iniciativas como a Plataforma Global para os Estudantes Sírios, lançada pelo ex-Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, na

contribuição voluntária para o Fundo Maadad (para apoio aos Países que acolhem refugiados), ou na nossa disponibilidade para recebermos refugiados, duplicando a quota a que estaríamos vinculados no quadro europeu. Muito pelo contrário.

- Às iniciativas de natureza multilateral, associamos uma diplomacia ativa no plano bilateral, de que me permito citar:

- A aposta continuada nas relações com os Países do Sul do Mediterrâneo, com quem temos vindo, aliás, a reforçar também as trocas económicas, em resultado de um interesse crescente dos nossos agentes económicos;

- A extensão para o Mediterrâneo Sul, da nossa cooperação, em particular na moldura do novo consenso para o desenvolvimento, adotado pelas Nações Unidas em 2015 e, na sua indivisibilidade, corporizado na Agenda 2030, na Agenda de Adis Abeba e no Acordo do Clima.

- No mundo atual, interdependente e complexo, o desafio da Paz convoca-nos de forma exigente e permanente.

- Como também o desafio das alterações climáticas, que conhece na Região do Mediterrânico proporções dramáticas;

- Ou o desafio do desemprego, em particular do desemprego jovem, que retira àqueles que devem ser os construtores do futuro qualquer expectativa de uma vida decente. Apenas a exaltação de um niilismo violento tende a representar para muitos deles o sentido possível de quem sente que não tem lugar no futuro;

- Ou o desafio das desigualdades crescentes, exibindo as injustiças da economia mundial, especialmente visíveis num contexto de ubiquidade dos media e das redes sociais.

- Nenhum destes reptos encontrará resposta no plano estritamente nacional. Pela sua dimensão, interação e complexidade, todos obrigam à cooperação, ao entendimento, à partilha, à construção de soluções comuns que afastem ou mitiguem as ameaças à segurança global.

- Por isso, é tão importante o papel das organizações regionais, quer sejam intergovernamentais, da sociedade civil ou parlamentares, como é caso da Assembleia Parlamentar do Mediterrâneo.